

Exmo. Sr. Presidente de Honra da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, Prefeito Eduardo Paes; Ilustríssimo Sr. Presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, Prof. Dr. Joaquim José do Amaral Castellões, autoridades componentes da mesa, demais autoridades presentes, caríssimos confrades, meus queridos familiares e amigos, colegas e alunos.

A partir de meados do século XIX, um professor de matemática inglesa encantou milhões de crianças e adultos com as aventuras de uma menina em um mundo mágico, cheio de simbolismo e mistérios temperados com aritmética, lógica e humor. Sob o pseudônimo Lewis Carroll, o criador de *Alice no país das maravilhas* escreveu, na seqüela *Através do espelho*, um de meus diálogos favoritos em toda sua obra:

“-Não posso acreditar *nisso!*” - disse Alice.

“-Não pode?” - disse a Rainha com tom de voz penalizado. “-Tente outra vez: respire profundamente e feche os olhos.”

Alice riu. “-Não adianta fazer isso.” - disse ela - “Ninguém pode acreditar em coisas impossíveis.”

“-Eu diria que você nunca praticou bastante.” - disse a Rainha - “-Quando eu tinha a sua idade praticava sempre meia hora por dia. Às vezes me acontecia acreditar em seis coisas impossíveis antes do café da manhã.”

Pois em 1943 um talentoso brasileiro, que fazia seu doutorado em Neurofisiologia na Universidade de Harvard, pesquisava epilepsia em coelhos usando a técnica de eletroencefalografia. Esperava encontrar descargas elétricas caóticas, de alta voltagem, que estariam por trás das crises convulsivas epiléticas. Surpreendentemente, encontrou também uma diminuição da atividade elétrica, que se espalhava pelo tecido nervoso em baixa velocidade, continuamente como uma onda. Era o oposto do esperado. A onda foi denominada *depressão alastrante da atividade elétrica do córtex cerebral*.

Este brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 1914, chamava-se Aristides Azevedo Pacheco Leão. Ele acreditava em coisas impossíveis. Ou melhor, acreditava que certas coisas *pareciam* impossíveis, mas não eram. A princípio, acreditou sozinho. Mas sua descoberta acabou por ser consagrada e, hoje, é conhecida mundialmente como *onda de Leão*, em homenagem ao seu descobridor. Até agora pouco se conseguiu desvendar de seus mecanismos, mas não resta dúvida sobre sua associação a fenômenos como a epilepsia, enxaqueca, memória e outras manifestações normais ou patológicas do tecido cerebral que ainda hoje desafiam a Medicina.

Aristides regressou em 1946 e juntou-se ao Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil, fundado por Carlos Chagas Filho no ano anterior. Nesta instituição continuou sua pesquisa, ao lado de colegas brilhantes como Hiss Martins Ferreira, Romualdo do Carmo, Gustavo Oliveira Castro e outros, participando da pesquisa em depressão alastrante no Instituto de Biofísica, praticamente até falecer em 1993.

Era também ornitologista amador, uma grande autoridade no assunto. E sua incansável sede de aprender a cada dia expandia sua extraordinária cultura. Ao mesmo tempo, emprestava seu prestígio à luta pela ciência brasileira, entre outras trincheiras exercendo por 14 anos a presidência da Academia Brasileira de Ciências. Em um país atravancado pelo patrimonialismo, com baixos índices de escolaridade e altas taxas de analfabetismo funcional, Aristides Leão acreditou que é possível fazer ciência de boa qualidade em instituições públicas. E não só é possível, como a cada dia se torna mais premente, com o avanço inexorável da sociedade do conhecimento.

Não apenas possível e premente. É, também, irresistível. Foi o que descobri quando, aluno da Faculdade Nacional de Medicina, juntei-me em 1970 a uma turma de não mais

que uma dúzia de monitores de Biofísica e Fisiologia comandados pela Professora Isar Oswaldo Cruz. Tivemos, entre outros, o privilégio de frequentar um curso especial de Anatomia Comparada ministrado por Aristides Leão. Nasceu dali minha admiração pelo extraordinário cientista e mestre que, em meio a seus incontáveis compromissos, fabricava tempo para se dedicar àquele grupo de jovens aprendizes.

O Instituto de Biofísica é, desde então, minha segunda casa. Orgulho-me de ser um dos elos na corrente que liga sucessivas gerações de cientistas em uma das mais importantes instituições de pesquisa biomédica do país. Carlos Eduardo Rocha Miranda, meu orientador desde a iniciação científica até o doutorado, fez de mim um cientista e, com seu exemplo de dedicação à Ciência e à Universidade, cristalizou minha opção pela carreira acadêmica. Nestes quase 40 anos de Universidade Federal do Rio de Janeiro, tive o prazer de conviver com grandes mestres, colegas de alto nível e alunos excepcionais, aos quais sou grato por tudo que deles aprendi.

Devo muito a meus pais, pelo irrestrito apoio e estímulo que sempre recebi perante todas as minhas escolhas. Seu Chaim e Dona Runia vieram para o Brasil ainda jovens, no final da década de trinta, afastando-se do anti-semitismo que então permeava a sociedade polonesa em paralelo à ascensão do nazismo. Conheceram-se no Rio de Janeiro, onde casaram e moraram pelo resto de suas vidas.

Meu pai, camponês na Polônia, trabalhou como cobrador de bonde e estofador e, com admirável tenacidade, ignorou o cansaço físico e estudou à noite até formar-se contador. Economizou o suficiente para comprar uns terrenos vazios na região de Duque de Caxias, abriu uma firma de urbanização e vendeu os terrenos do que hoje é o bairro Parque Fluminense, financiados por décadas pela tabela Price sem a chamada correção monetária, inventada no Brasil em meados da década de 1960. Justificava a gigantesca desvalorização de seus rendimentos promovida pela inflação crônica, dizendo que os compradores eram pobres e jamais conseguiriam quitar o terreno e construir suas casas se ele cobrasse a correção monetária. Sua firma, mais do que uma fonte de sustento da família, era um verdadeiro programa social. Mesmo assim, era mais um daqueles que acreditava nas tais coisas impossíveis. Exercendo simultaneamente o ofício de contador e legalizando imóveis de terceiros, manteve a firma funcionando, ajudado por minha mãe e ainda por uma pequena loja de roupas infantis administrada por ela.

Em uma antologia de humor judaico sugestivamente intitulada *Do Éden ao Divã*, encontra-se a anedota de uma mãe judia, que passeava com seus dois filhos em um subúrbio de Nova Iorque. Uma vizinha admira-se dos pimpolhos e pergunta: “Mas que lindos meninos! Que idade eles têm?”. E a mãe responde: “O médico vai fazer quatro e o advogado tem dois”... Meu irmão Gilberto ocupou a vaga de advogado e eu, desde pirralho, decidira tornar-me médico. Para isso, meus pais sacrificaram todo e qualquer luxo para nos oferecer a oportunidade de ouro de uma educação completa e privilegiada, complementada por um astuto programa familiar de combate ao ócio adolescente que, entre aulas de piano e ingles, me levou a trabalhar dos 14 aos 17 anos como escriturário na firma de meu pai, ostentando meu uniforme do Colégio Pedro II diariamente após as aulas.

Tenho orgulho de minha família. Somos poucos e bons. Meu irmão, minha cunhada e meus sobrinhos, próximos ou distantes, minhas tias, primas e primos são exemplos de humanidade e caráter. O carinho que temos uns pelos outros resiste às frequentes ausências causadas pelo ritmo frenético de nossas vidas. Mas nunca deixamos de

brindar às conquistas de todos. Minha namorada e meu casal de enteados gêmeos são outra das luzes que iluminam meus dias.

Dentre estes dias, hoje é especial. Junto-me a uma entidade jovem que começa a imprimir sua marca em uma cidade que abriga muitos dos mais competentes médicos e cientistas do país. Passamos por uma era de extraordinário progresso na Medicina. Novas tecnologias aceleram e aperfeiçoam diagnóstico e tratamento. Terapias avançadas despontam no horizonte, com a perspectiva de levar a tratamentos para doenças ainda hoje incuráveis. O Rio de Janeiro é um paradigma para o país. Assim, espera-se de nossa Academia contribuições importantes às questões de saúde da cidade, que em grande parte coincidem com as de todo o Brasil.

Os desafios da saúde no Rio de Janeiro, assim como em todo o país, são enormes. Impossíveis, dizem alguns. Mas cabe aqui recordar a lição de um dos maiores artistas da Renascença, Michelangelo Buonarroti: “O maior perigo para muitos de nós não está em que nossa meta seja muito ambiciosa e não a alcancemos, mas em que ela seja tão pequena que seja fácil alcançá-la”. A responsabilidade de enfrentar os desafios da Medicina, dos locais aos universais, permeia toda a comunidade de profissionais da saúde, os que aplicam e os que geram conhecimento. E a comunidade de saúde do Rio de Janeiro tem competência e apetite para enfrentar estes desafios, tanto os imediatos quanto os de longo prazo.

Associo-me, assim, com imensa satisfação, à Academia de Medicina do Rio de Janeiro em meio a mestres e colegas que prezo, admiro e respeito. Fico particularmente orgulhoso por ocupar a cadeira 46, da qual é patrono Aristides Azevedo Pacheco Leão. Comovido pela calorosa acolhida de meus agora confrades, que a mim concederam esta honra, reitero minha disposição de colaborar para que nossa Academia cresça e exerça, cada vez mais, o papel que lhe cabe de congregação de excelência na Medicina e protagonista da transformação e do progresso da saúde no Rio de Janeiro.

Sobretudo, lembremo-nos de pensar em até seis coisas impossíveis antes do café da manhã. Através de nós, algumas se farão reais.

Muito obrigado.

Rafael Linden

Discurso de posse na AMRJ

Colégio Brasileiro de Cirurgiões, 5 de junho de 2009